

ENTREVISTA

O DESAFIO DA INTELIGÊNCIA COMPETITIVA

Francisco Jaime Quesado ¹

“Depois de uma década perdida, impõe-se um sentido de mudança”

Quando estive em Portugal Thomas Malone, emérito professor da MIT Sloan School of Management, apresentou uma excelente visão sobre o papel que a “inteligência colectiva” tem nas organizações do futuro. Trata-se de uma nova plataforma de articulação entre os diferentes actores, destinada conhecer as “competências centrais” da sociedade e qualificá-las duma forma estruturante como vias únicas de criação de valor e consolidação da diferença. Para Portugal a oportunidade é única também. Impõe-se, de facto, um sentido de “inteligência competitiva” num tempo novo que se quer para o país.

¹ Economista e MBA pela Universidade do Porto, desempenhou nos últimos 20 anos funções de Gestão na Área Privada (Grupo Amorim e AEP - Associação Empresarial de Portugal) e Pública (Gestor do POSC - Programa Operacional Sociedade do Conhecimento e Administrador da Agência de Inovação). Tem coordenado a implementação de inúmeros projectos nas áreas da Inovação, Conhecimento e Competitividade, participado em inúmeros seminários e conferências sobre estas temáticas. Tem também Mestrados em Estudos Europeus (Universidade de Coimbra) e Ciência Política (Universidade Católica) e é colaborador habitual da imprensa escrita. É autor do Livro O NOVO CAPITAL.



Para Portugal a essência desta nova “inteligência competitiva” tem que se centrar num conjunto de novas “ideias de convergência”, a partir das quais se ponham em contacto permanente todos os que têm uma agenda de renovação do futuro. Importa acelerar uma cultura empreendedora em Portugal. A matriz comportamental da “população socialmente activa” do nosso país é avessa ao risco, à aposta na inovação e à partilha de uma cultura de dinâmica positiva.

Importa por isso mobilizar as Capacidades Positivas de Criação de Riqueza. Fazer do Empreendedorismo a alavanca duma nova criação de valor que conte no mercado global dos produtos e serviços verdadeiramente transaccionáveis.

Na sociedade da “inteligência competitiva”, a falta de rigor e organização nos processos e nas decisões, sem respeito pelos factores “tempo” e “qualidade” já não é tolerável nos novos tempos globais. Não se poderá a pretexto de uma “lógica secular latina” mais admitir o não cumprimento dos horários, dos cronogramas e dos objectivos. Não cumprir este paradigma é sinónimo de ineficácia e de incapacidade estrutural de poder vir a ser melhor. Importa por isso uma cultura estruturada de dimensão organizacional aplicada de forma sistémica aos actores da sociedade civil. Há que fazer da “capacidade organizacional” o elemento qualificador da “capacidade mobilizadora”.

Pretende-se também um Portugal de “inteligência competitiva” mais equilibrado do ponto de vista de coesão social e territorial. A crescente (e excessiva) metropolização do país torna o diagnóstico ainda mais grave. A desertificação do interior, a incapacidade das cidades médias de protagonizarem uma atitude de catalisação de mudança, de fixação de competências, de atracção de investimento empresarial, são realidades marcantes que confirmam a ausência duma lógica estratégica consistente. Não se pode conceber uma aposta na competitividade estratégica do país sem entender e atender à coesão territorial, sendo por isso decisivo o

sentido das efectivas apostas de desenvolvimento regional de consolidação de “clusters de conhecimento” sustentados.

A sociedade civil portuguesa tem nesta matéria um papel central. A aposta na excelência, na sua diferença e no seu sucesso, é o resultado duma agenda estratégica que se pretende voltada para um futuro permanente. Apostar na excelência deve constituir um compromisso permanente na procura do valor, da inovação e da criatividade como factores críticos da mudança. Os bons exemplos devem ser seguidos, as boas práticas devem ser percebidas, o caminho tem que ser o da distinção e da qualificação. Na Sociedade da “inteligência competitiva” sobrevive quem consegue ter escala e participar, com valor, nas grandes Redes de Decisão.

Num país que se quer voltado para o futuro, as Empresas, as Universidades, os Centros de Competência Políticos têm que protagonizar uma lógica de “cooperação positiva em competição” para evitar o desaparecimento. O desafio da “inteligência competitiva” tem que ser desenvolvido. Fazer de Portugal a Oportunidade Possível dum país onde o Conhecimento e a Criatividade sejam capazes de fazer o compromisso nem sempre fácil entre a memória dum passado que não se quer esquecer e um regresso a um futuro que não se quer perder.

***Especialista em Estratégia, Inovação e Competitividade**

Fonte: **Sapo Tek**. Disponível em:

<http://tek.sapo.pt/opiniao/opiniao_o_desafio_da_inteligencia_competitiva_1380153.html>. Acesso em: 25 abr. 20014.

Sobre o autor:

Nome: Francisco Jaime do Paço Quesado

Idade: 36 anos

Naturalidade: Santo Tirso - Porto

Habilitações Literárias: Economista e MBA pela Universidade do Porto; Pós-Graduação em Estudos Europeus pela Universidade de Coimbra; Mestrado em Ciência Política pela Universidade Católica Portuguesa.

Gestor Nacional do Programa Operacional para a Sociedade de Informação (POSI)



Relativamente ao Algarve, Jaime Quesado define como objectivo principal a “dinamização e implantação da Sociedade de Inovação e do Conhecimento”, de forma a potenciar projectos estruturantes.

O POSI tem previsto para a região um investimento na ordem dos 20 milhões de euros em iniciativas que passam pela criação de vários Espaços Internet, a Rede de Ligações às Escolas ou projectos na área dos conteúdos. O gestor do Programa operacional para a Sociedade de Informação elege, no entanto, o Algarve Digital e o Campus Virtual da Universidade do Algarve como os projectos mais estruturantes.

Contacto:

Tagus Park - Edifício Inovação III

Espaço 624

2700-920 Oeiras

Tel: 21 4220820 - Fax: 21 4220821